

Jean-Jacques  
Sempé

René  
Goscinny

# As férias do menino Nicolau



teorema



## Índice

O meu pai é que decide .....	9
A praia é porreira .....	17
O animador .....	25
A Ilha das Brumas .....	33
A ginástica .....	39
O minigolfe .....	49
O jogo das lojas .....	55
O regresso .....	61
Temos de ser compreensivos .....	69
A partida .....	75
Coragem! .....	85
O banho .....	93
A Ponta das Borrascas .....	103
A sesta .....	111
Jogo noturno .....	119
A sopa de peixe .....	127
O Crispim tem visitas .....	135
Recordações de férias .....	143



Terminou mais um laborioso ano escolar. Nicolau ganhou o prêmio de eloquência, que no caso dele recompensa mais a quantidade do que a qualidade, e despediu-se dos amigos, que são o Alceste, o Rufus, o Eudes, o Godofredo, o Maixent, o Joaquim, o Clotário e o Aguinaldo. Os livros e os cadernos já estão arrumados e agora trata-se de pensar nas férias.

E, em casa do Nicolau, a escolha do lugar onde passar as férias não constitui problema, porque...





## O meu pai é que decide

**T**odos os anos, ou melhor, o ano passado e no ano anterior, porque antes disso foi há muito tempo e não me lembro, o meu pai e a minha mãe fãtam-se de discutir para decidir onde vamos passar as férias, e depois a minha mãe começa a chorar e diz que vai para casa da mãe dela, e eu também choro porque gosto muito da minha avó, mas lá não há praia, e por fim acabamos por ir para onde a minha mãe quer, e não é para a casa da minha avó.

Ontem, depois do jantar, o meu pai olhou para nós com um ar zangado e disse:

— Oiçam bem! Este ano não quero discussões. Sou eu que decido. Vamos para o Sul. Tenho a direção de uma vivenda para alugar na Praia dos Pinheiros. Três quartos, água corrente e eletricidade. Não estou disposto a ir para o hotel e comer uma comida horrorosa.

— Acho uma ótima ideia, querido — disse a minha mãe.

— Porreiro! — disse eu, e desatei a correr à volta da mesa, porque, quando estamos contentes, custa muito ficarmos sentados.

O meu pai abriu muito os olhos, como costuma fazer quando fica admirado, e disse:

— Ai, sim? Bom...

Enquanto a minha mãe levantava a mesa, o meu pai foi ao armário buscar o equipamento de pesca submarina.

— Vais ver, Nicolau — garantiu ele. — Vamos fazer umas pescarias fantásticas.

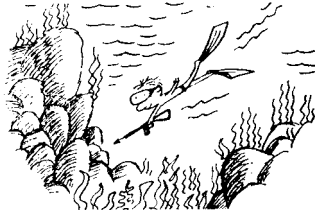
Eu cá fiquei um bocado assustado, porque ainda não sei nadar muito bem. Se me ajudarem, consigo boiar, mas o meu pai disse-me que não me preocupasse, que ia ensinar-me a nadar, que, quando era mais novo, tinha sido campeão inter-regional de nataçãõ livre e que ainda era capaz de bater recordes se tivesse tempo de treinar.

— O pai vai ensinar-me a fazer pesca submarina — disse eu à minha mãe, quando ela veio da cozinha.

— Acho ótimo — respondeu ela. — Mas parece-me que no Mediterrâneo já não há muitos peixes. Há é pescadores a mais.

— Não é verdade — gritou o meu pai. Mas a minha mãe disse-lhe que não a desmentisse diante do pequeno, e que, se afirmava aquilo, era porque tinha lido num jornal. E depois pôs-se a tricotar a camisola que tinha começado já há uma série de dias.





— Mas então, se não há peixes, vamos parecer dois palhaços debaixo de água — disse eu ao meu pai.

O meu pai foi arrumar o equipamento de pesca submarina, sem dizer palavra. Eu não estava lá muito satisfeito, porque todas as vezes que vamos à pesca com o meu pai é sempre a mesma coisa: não apanhamos nada. O meu pai voltou e pôs-se a ler o jornal.

— Então, afinal, onde é que há peixes para a pesca submarina? — perguntei eu.

— Pergunta à tua mãe — respondeu o meu pai. — Ela é que sabe.

— No Atlântico, querido — disse ela.

Eu perguntei se o Atlântico ficava longe do sítio para onde íamos, mas o meu pai respondeu-me que, se eu estudasse mais na escola, não fazia perguntas daquelas, o que não foi muito justo, porque lá na escola não há aulas de pesca submarina. Mas eu cá não disse nada, porque percebi que o meu pai não estava com vontade de falar.

— Temos de fazer uma lista das coisas a levar — disse a minha mãe.

— Ah, não! — exclamou o meu pai. — Este ano não vamos encher o carro como se fosse um camião de mudanças. Fatos de banho, calções, roupas simples, umas camisolas...

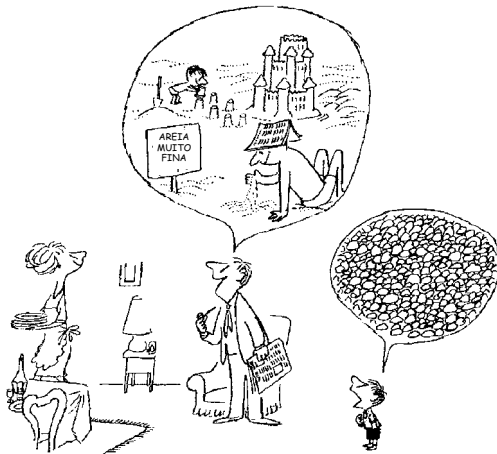
— E umas panelas, a cafeteira elétrica, o cobertor vermelho e alguma loiça — acrescentou a minha mãe.

O meu pai levantou-se de um pulo, muito zangado, abriu a boca, mas não chegou a dizer nada, porque a minha mãe se antecipou.

— Lembra-te do que nos contaram os Trigueiros quando alugaram uma casa no ano passado. De loiça só havia três pratos lascados e na cozinha duas panelas pequenas; por sinal, uma delas até estava furada. Tiveram de comprar lá tudo o que precisavam, a um preço exorbitante.

— O Trigueiros não sabe desenrascar-se — disse o meu pai, e voltou a sentar-se.

— É possível — respondeu a minha mãe. — Mas, se quiseres uma sopa de peixe, não posso fazê-la numa panela furada, mesmo que conseguíssemos arranjar o peixe.







Então eu comecei a chorar, porque, no fundo, é verdade, não tem graça nenhuma ir para uma praia onde o mar não tem peixes, enquanto aqui ao pé há o Atlântico, que está cheio deles. A minha mãe largou o tricô, deu-me um abraço e disse-me que eu não devia ficar triste por causa de uns peixes tontos, e que ia ser muito bom quando eu acordasse de manhã e visse o mar da janela do meu quarto.

— Bem, de casa não se vê propriamente o mar — explicou o meu pai. — Mas não fica longe, é mais ou menos a dois quilómetros. Era a única casa que havia para alugar na Praia dos Pinheiros.

— Pois claro, querido — disse a minha mãe. Deu-me um beijo e eu fui brincar no tapete com os dois berlindes que ganhei ao Eudes lá na escola.

— E a praia? É só calhaus? — perguntou a minha mãe.

— Não, senhora! Nada disso — exclamou o meu pai, todo contente. — É uma praia de areia. De areia muito fina. Não há um único calhau nessa praia.

— Ainda bem — disse a minha mãe. — Assim o Nicolau não vai ficar só a lançar seixos para a água. Desde que o ensinaste a atirá-los e a fazê-los saltar, passa o tempo todo a fazer isso.

E eu comecei outra vez a chorar, porque não há dúvida que é giro fazer saltar os seixinhos na água. Às vezes consigo fazer com que eles saltem quatro vezes, e, ao fim e ao cabo, não é justo irmos para essa casa velha, com panelas furadas, longe do mar, não havendo seixos nem peixes.

— Vou para casa da avó! — gritei eu, e dei um pontapé num dos berlindes do Eudes.

A minha mãe voltou a abraçar-me e disse-me que não chorasse, que o meu pai era quem mais precisava de férias e que, mesmo que o sítio para onde ele queria ir não fosse lá muito bonito, devíamos ir, fazendo de conta que gostávamos muito.

— Mas, mas... — disse o meu pai.

— Eu quero brincar com os seixos! — berrei eu.

— Brincas para o ano que vem — disse a minha mãe —, se o teu pai decidir levar-nos à Praia dos Banhos de Mar.

— Onde? — perguntou o meu pai, que ficou de boca aberta.

— À Praia dos Banhos de Mar — respondeu a minha mãe. — Na Bretanha, junto ao Atlântico, onde há muitos peixes e um hotelzinho bonito sobre uma praia com areia e seixos.

— Eu quero ir para os Banhos de Mar! — gritei eu. — Eu quero ir para os Banhos de Mar!

— Mas, meu amor, temos de ter paciência. Quem decide é o teu pai.

O meu pai passou a mão pelo rosto, deu um grande suspiro e disse:

— Pronto! Já percebi. Como é que se chama esse hotel?

— Costa-Bela, meu querido — respondeu a minha mãe.

O meu pai disse que, sim, senhor, ia escrever para ver se ainda havia quartos vagos.

— Não vale a pena, já está tudo tratado — disse a minha mãe. — Ficamos no quarto 29, com vista para o mar e casa de banho.

E a minha mãe pediu ao meu pai que não se mexesse, porque queria ver se estava boa a altura da camisola que estava a tricotar. Parece que na Bretanha as noites são um bocado frescas.





Depois de o pai do Nicolau ter tomado a sua decisão, só faltava arrumar a casa, resguardar os móveis, enrolar os tapetes, tirar as cortinas, fazer as malas, sem esquecer de levar os ovos cozidos e as bananas para comer pelo caminho.

A viagem de comboio correu muito bem, apesar de a mãe do Nicolau ter levado um raspanete por ter posto o sal para os ovos cozidos na mala castanha que ia no compartimento das bagagens. E, por fim, foi a chegada à Praia dos Banhos de Mar, ao Hotel Costa-Bela. A praia lá está, e as férias podem começar...



## A praia é porreira

**N**a praia divertimo-nos à brava. Fiz imensos amigos: o Blaise, o Frutuoso e o Mamert. Este, então, é mesmo parvo! E o Ireneu, o Fabrício e o Cosme, além do Ivo, que não está de férias, pois mora na região. Brincamos juntos, zangamo-nos, deixamos de nos falar, e é muitíssimo divertido.

— Vai brincar com os teus amigos, mas porta-te bem — disse-me o meu pai esta manhã. — Eu vou descansar e apanhar um banho de sol. — E começou a espalhar protetor solar pelo corpo todo e a dizer, no gozo: — Ah, só de pensar na malta que ficou lá no escritório!

Nós começámos a jogar com a bola do Ireneu.

— Vão brincar para mais longe — disse o meu pai, que tinha acabado de se besuntar, e, zás!, a bola acertou-lhe em cheio na cabeça. O meu pai não gostou nada. Ficou zangado e deu um grande pontapé na bola, que foi cair dentro de água, muito longe. Um chuto do caraças. — Lá isso é verdade —,



disse o meu pai. O Ireneu foi a correr e voltou com o pai dele, que é muito alto e muito forte e que vinha com cara de poucos amigos.

— Cá está ele! — disse o Ireneu apontando para o pai.

— Foi você que atirou à água a bola do meu filho? — perguntou o pai do Ireneu ao meu pai.

— Pois fui — respondeu o meu pai. — Mas tinha apanhado com ela na cara.

— As crianças vêm para a praia para se distraírem — respondeu o pai do Ireneu. — Se isso não lhe agrada, fique em casa. Entretanto, tem de ir buscar a bola.

— Não liguês — disse a minha mãe ao meu pai. Mas o meu pai preferiu ligar.

— Bom, eu vou buscar essa famosa bola — disse ele.

— Sim, sim — respondeu o pai do Ireneu. — No seu lugar, eu também fazia o mesmo.

O meu pai demorou bastante tempo a ir buscar a bola, que o vento tinha arrastado para longe. Estava com um ar cansado quando entregou a bola ao Ireneu e nos disse:



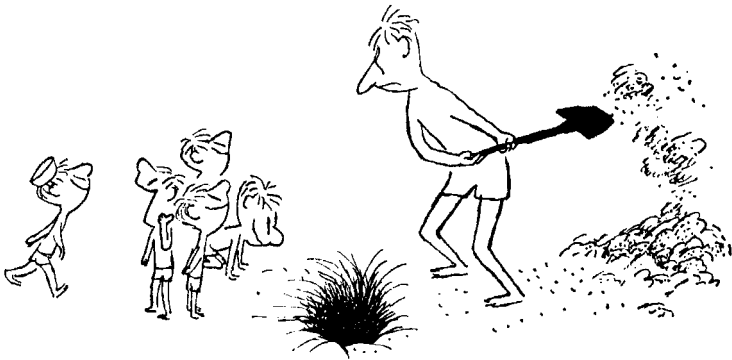
— Olhem, meninos, eu quero descansar em paz. Em vez de jogarem à bola, porque não brincam a outra coisa?

— E brincamos a quê, diga lá? — perguntou o Mamert.  
— É tolo, este!

— Sei lá! — respondeu o meu pai. — Façam buracos na areia. É divertido.

Nós achámos que era uma ideia giríssima e fomos buscar as pás, enquanto o meu pai se preparava para se besuntar outra vez, mas não conseguiu, porque já não havia protetor solar no frasco.

— Vou ali à loja comprar outro — disse ele e a minha mãe perguntou-lhe porque é que ele não sossegava um bocado.



Começámos a fazer um buraco. Um buraco engraçado, largo e fundo. Quando o meu pai voltou com o frasco do protetor solar, eu chamei-o e perguntei-lhe:

— Já viste o nosso buraco, papá?

— É muito bonito — respondeu ele, e ia tentando abrir o frasco com os dentes. E então apareceu um senhor com um boné branco e perguntou quem é que nos dera licença para cavar um buraco naquela praia.

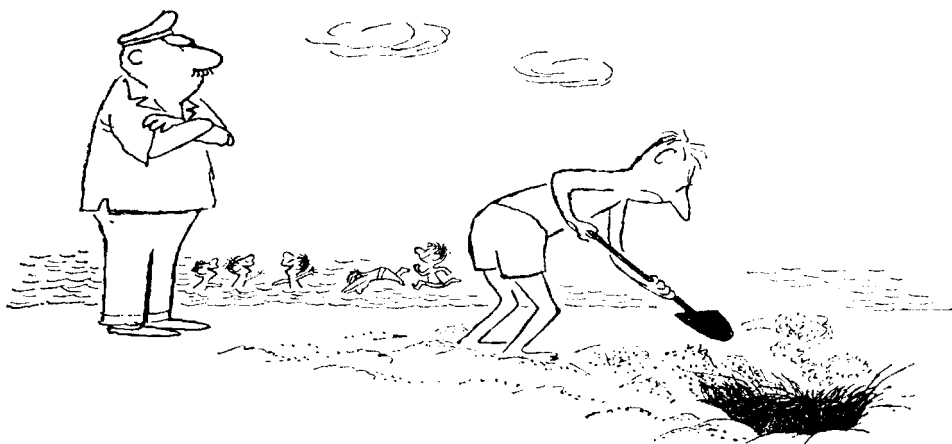
— Foi ele! — disseram os meus amigos, apontando para o meu pai. Eu estava todo orgulhoso, porque pensava que o senhor do boné ia felicitar o meu pai. Mas o senhor não estava com um ar nada satisfeito.

— Você não deve estar bom da cabeça, com certeza, para deixar os miúdos fazerem uma coisa destas!

O meu pai, que continuava a tentar abrir o frasco, perguntou:

— E depois? — E depois o senhor do boné pôs-se aos gritos, a dizer que era incrível, que era preciso ser-se mesmo inconsciente, que as pessoas podiam cair no buraco e partir uma perna, e que, quando a maré subisse, as pessoas que não soubessem nadar iam perder o pé e afogar-se no buraco, que podiam acontecer montes de coisas horríveis por causa daquele buraco e que era preciso tapá-lo.

— Bom — disse o meu pai —, tapem o buraco, meninos.





Mas os meus amigos não queriam tapar o buraco.

— É divertido cavar um buraco, mas é uma chatice tapá-lo — disse o Cosme.

— Vamos ao banho! — gritou o Fabrício.

E foram todos a correr. Eu não fui, porque vi que o meu pai estava com um ar atrapalhado.

— Meninos! Meninos! — gritou o meu pai. Mas o senhor do boné disse:

— Deixe os miúdos em paz e tape-me esse buraco! E foi-se embora.

O meu pai deu um grande suspiro e ajudou-me a tapar o buraco. Como só tínhamos uma pá pequena, levou uma data de tempo, e estávamos quase a acabar quando a minha mãe disse que estava na hora de voltar para o hotel para almoçar, e que tínhamos de nos despachar, porque, quando a gente se atrasa, não nos dão de almoçar no hotel.

— Pega nas tuas coisas, na tua pá, no teu balde, e anda — disse-me a minha mãe. Eu agarrei nas minhas coisas, mas não encontrei o balde.

— Não faz mal, vamos embora — disse o meu pai. Mas eu comecei a chorar.

Um balde lindíssimo, vermelho, que fazia umas formas ótimas.

— Não nos enervemos — disse o meu pai. — Onde é que o puseste?

Eu respondi que se calhar tinha ficado no fundo do buraco que tínhamos acabado de tapar. O meu pai olhou para mim como se quisesse dar-me um açoite, e então eu desatei a chorar ainda mais, e o meu pai disse que, pronto, ele ia buscar o balde, mas que eu parasse de berrar. O meu pai é o mais porreiro do mundo!

Como continuávamos a ter só aquela pazinha, não pude ajudá-lo, e estava a vê-lo cavar, quando se ouve uma voz atrás de nós:

— Ouça lá, está a gozar comigo?

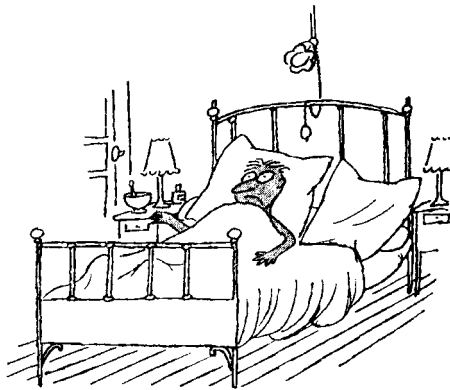
O meu pai deu um grito, olhámos os dois para trás e vimos o senhor do boné branco.

— Acho que já lhe disse que era proibido fazer covas — disse ele.

O meu pai explicou-lhe que estava à procura do meu balde. Então, o senhor do boné respondeu que estava bem, mas que depois ele tinha de voltar a tapar o buraco. E deixou-se ficar, para vigiar o meu pai.

— Olha, eu vou andando para o hotel com o Nicolau — disse a minha mãe ao meu pai. — Tu depois vais lá ter quando encontrares o balde.

E fomos embora. O meu pai chegou muito tarde ao hotel. Estava cansado, não tinha fome e foi-se deitar. Não tinha encontrado o balde, mas não faz mal, porque eu reparei que me tinha esquecido dele no quarto. À tarde tivemos de chamar um médico, por causa das queimaduras do meu pai.



O senhor doutor disse-lhe que tinha de ficar deitado durante dois dias.

— Não lembra ao diabo ficar assim ao sol sem pôr protetor solar no corpo — disse o médico.

— Ah! Quando penso na malta que ficou lá no escritório!... — disse o meu pai.

Mas já não estava a gozar quando disse isto.



